ISSN: 2358-8829

PALAVRAS QUE ACOLHEM: MEDIAÇÃO DE LEITURA E FORMAÇÃO DE COMUNIDADES LEITORAS ENTRE ESCOLA E FAMÍLIAS TÍPICAS E ATÍPICAS

Junê Batista Santos[1]
Maricélia Ribeiro Jorge[2]

INTRODUÇÃO

A leitura é uma prática fundamental à formação dos sujeitos, pois possibilita o encontro com conhecimentos, culturas, experiências e diferentes formas de compreender o mundo. No contexto escolar, formar leitores não significa apenas desenvolver habilidades de decodificação: envolve construir sentidos, relacionar vozes e participar de práticas sociais mediadas pela linguagem.

Embora a escola desempenhe papel importante nesse processo, ela não é o único espaço de formação leitora. A família e outros ambientes de convivência também podem favorecer o contato com livros, histórias e narrativas. Quando esses espaços se aproximam, a leitura pode deixar de ser percebida apenas como atividade escolar e passar a integrar experiências culturais compartilhadas.

É nessa perspectiva que se insere o projeto Palavras que Acolhem, extensão do Clube do Livro desenvolvida nas Escolas Municipais Frei Dagoberto Stucker e Professora Luzia Dantas, em Campina Grande-PB. A proposta amplia as ações de mediação já realizadas com estudantes e incorpora encontros voltados às famílias típicas e atípicas, incluindo responsáveis por estudantes atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A iniciativa compreende a leitura como prática social, cultural e dialógica. Bakhtin (2016) permite entendê-la como atividade responsiva, na qual os sentidos se constroem na

[1] Professora de Educação Especial da Rede Municipal de Campina Grande - PB; Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB – BA; Especialista em Educação e Tecnologia da Comunicação e Informação -UNEB-BA; Curso de Formação em Professores com Ênfase no Transtorno do Espectro do Autismo – UNIFUTURO – João Pessoa - PB; Graduada em Direito pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Campina Grande - PB, (email: junebatsantos@gmail.com);
[2] Mestra em Linguística e Ensino – UFPB; Especialista em Linguística e Literatura – UEPB; Especialista em Educação e Novas Tecnologias – UNINTER; Graduada em Letras – UEPB; Estética e Imagem Pessoal – UNOPAR; Podologia – UNINTER; Professora de Educação Básica da Rede Municipal dos municípios de São Sebastião de Lagoa de Roça e Campina Grande – PB (email: celinhajorge@yahoo.com.br).

relação entre sujeitos e enunciados. Freire (2011) aproxima a leitura da palavra da leitura do mundo; Candido (1995) reconhece a literatura como direito humano e experiência humanizadora; Geraldi (2010) contribui para pensar a educação como interlocução; e Stainback e Stainback (1999) fundamentam a importância de práticas colaborativas e inclusivas.

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência Palavras que Acolhem, destacando sua organização, seus fundamentos e aspectos observados na relação entre mediação de leitura, formação de leitores e aproximação entre escola e famílias. Não se pretende atribuir à leitura a solução de todos os desafios relacionais, mas refletir sobre as possibilidades de encontro, escuta e participação que ela pode favorecer.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido nas Escolas Municipais Frei Dagoberto Stucker e Professora Luzia Dantas, em Campina Grande-PB. A experiência corresponde à ampliação do Clube do Livro por meio da proposta Palavras que Acolhem, envolvendo estudantes, familiares e responsáveis por estudantes atendidos pelo AEE.

Os encontros ocorrem quinzenalmente, com duração de duas horas, e organizam-se em quatro momentos: acolhida, leitura compartilhada, conversa literária e registro no mural coletivo. A descrição da experiência apoia-se em registros fotográficos e audiovisuais, listas de participação e dados de empréstimos de livros. Esses materiais documentam as ações e subsidiam a reflexão sobre seus desdobramentos, sem pretensão de generalização para outras realidades.

A acolhida inclui café, chás e conversa informal. Em seguida, realiza-se a leitura compartilhada de obras literárias; perguntas abertas orientam a conversa, com espaço para diferentes impressões, interpretações e relações com as experiências dos participantes. Ao final, cada pessoa é convidada a registrar no mural Palavras que Acolhem uma palavra que represente como se sente ao sair do encontro. As manifestações compõem a memória coletiva, mas não são tratadas como medida isolada de mudanças emocionais ou relacionais.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Bakhtin (2016), a linguagem realiza-se em situações concretas de interação, nas quais os enunciados se relacionam e suscitam respostas. A leitura, nessa perspectiva, não é recepção passiva: o leitor mobiliza conhecimentos, experiências e posicionamentos para produzir sentidos. A conversa sobre uma obra integra, portanto, a própria experiência leitora.

Essa compreensão aproxima-se de Geraldi (2010), para quem a prática educativa pode constituir um acontecimento de interlocução, e não apenas de transmissão de conteúdos.

Freire (2011) relaciona a leitura da palavra à leitura do mundo, ressaltando que a compreensão textual se articula às vivências e às condições concretas de existência. Essa perspectiva orienta as conversas literárias: os participantes são convidados a relacionar as narrativas às suas experiências, sem substituir a leitura da obra por relatos pessoais. Reconhecem-se, assim, os sujeitos como portadores de conhecimentos relevantes, permitindo que percepções distintas circulem no mesmo espaço.

Candido (1995) defende a literatura como direito humano e destaca sua relação com a formação dos sujeitos. A experiência literária permite o contato com sentimentos, conflitos, valores e modos variados de representar a realidade; por isso, sua importância ultrapassa o uso instrumental dos livros para o ensino de conteúdos. Entre os títulos trabalhados estão O coração e a garrafa, de Oliver Jeffers (2012); E se eu chorar?, de Mariana Luján e Patrícia Rosas (2024); A última prateleira, de Isabelle Pires (2025); Quando borboletas furiosas se tornam mulheres negras: nós e os livros, de Cidinha da Silva (2026); Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque; e As crônicas de Fiorella, de Vanessa Martinelli.

Stainback e Stainback (1999) contribuem para pensar a inclusão como responsabilidade coletiva, associada às condições de aprendizagem, interação e pertencimento. No projeto, essa compreensão se estende à relação com as famílias: o livro oferece um motivo comum para o encontro, a fala e a escuta, para além de reuniões ou convocações motivadas por dificuldades escolares. Reconhece-se, ao mesmo tempo, a diversidade entre as famílias, sem presumir experiências ou necessidades homogêneas.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência evidencia possibilidades de ampliar as ações do Clube do Livro ao incorporar as famílias às práticas de leitura. Os encontros criam oportunidades de convivência que não se limitam ao acompanhamento de tarefas ou à comunicação de dificuldades. A literatura passa a constituir também um motivo para frequentar a escola, conversar e participar de uma atividade cultural compartilhada.

À luz de Bakhtin (2016), as conversas podem ser compreendidas como situações de interlocução nas quais os participantes respondem às obras e às interpretações dos demais. As perguntas abertas favorecem a circulação de diferentes pontos de vista, enquanto a escuta permite reconhecer que uma mesma narrativa pode suscitar leituras distintas. A experiência desloca o foco da transmissão de informações sobre o texto para a participação dos leitores na construção de sentidos.

A relação entre leitura e experiência, discutida por Freire (2011), manifesta-se quando os participantes relacionam as narrativas a lembranças, sentimentos e situações vivenciadas. Essas associações integram a compreensão construída no encontro entre texto, leitor e contexto. Na perspectiva de Candido (1995), a literatura oferece acesso a experiências e formas de representação que podem ampliar o repertório cultural dos leitores.

Outro aspecto observado é a circulação dos livros. Os registros disponíveis apontam aumento dos empréstimos, indicador de que o acesso às obras ultrapassa o tempo dos encontros e pode alcançar outros espaços. Esse dado deve ser interpretado com cautela: isoladamente, não comprova a formação de hábitos permanentes de leitura, mas sinaliza ampliação do acesso e da circulação dos títulos no contexto da experiência.

A participação de famílias de estudantes atendidos pelo AEE constitui outro aspecto relevante. A proposta procura criar um espaço de convivência no qual essas famílias participem de uma prática cultural comum, sem que sua presença seja definida apenas por necessidades de acompanhamento educacional. Essa perspectiva aproxima-se de Stainback e Stainback (1999), ao considerar a inclusão uma responsabilidade coletiva e associada às condições de participação e pertencimento.

O mural coletivo acrescenta um registro produzido pelos próprios participantes. As palavras escolhidas ao final dos encontros documentam percepções e compõem a memória do percurso. Em conjunto, os registros permitem discutir três dimensões: aproximação entre escola e famílias; circulação e compartilhamento da literatura; e criação de espaços de diálogo entre sujeitos da comunidade escolar. Esses elementos não demonstram que a leitura, por si só,

resolva os desafios da relação entre família e escola; indicam, de maneira situada, que ela pode oferecer uma via concreta para encontros pautados na escuta, na convivência e na participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato apresentou o Palavras que Acolhem como extensão do Clube do Livro, ampliando a mediação de leitura para a participação das famílias, inclusive responsáveis por estudantes atendidos pelo AEE. A proposta fundamenta-se na leitura como prática social, cultural e dialógica e busca aproximar escola e família por meio de experiências literárias compartilhadas.

A organização quinzenal dos encontros em acolhida, leitura compartilhada, conversa literária e registro no mural coletivo cria oportunidades de interação, expressão e escuta. Os registros reunidos apontam possibilidades de aproximação entre escola e famílias, maior circulação e empréstimo de livros e participação em torno da literatura. Esses aspectos são compreendidos como indícios do percurso, não como efeitos definitivos nem como resultados generalizáveis.

Por se tratar de uma experiência em andamento, sua continuidade poderá ampliar os registros e aprofundar a reflexão sobre potencialidades e limites. Reconhecemos, assim, no Palavras que Acolhem uma possibilidade de construir outros modos de encontro entre escola e famílias, para além das demandas escolares, ampliando oportunidades de leitura, convivência, participação e acesso à cultura.

Palavras-chave: Mediação de leitura. Famílias típicas e atípicas. Dialogismo. Escola.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 1995. p. 169-191.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

JEFFERS, Oliver. **O coração e a garrafa**. São Paulo: Salamandra, 2012.

LUJÁN, Mariana; ROSAS, Patrícia. **E se eu chorar?** João Pessoa: Editora do CCTA, 2024.

PIRES, Isabelle. **A última prateleira**. Rio de Janeiro: Editora Frutificando, 2025.

SILVA, Cidinha da. **Quando borboletas furiosas se tornam mulheres negras:** nós e os livros. Belo Horizonte: Relicário, 2026.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William**. Inclusão**: um guia para educadores. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.